

# O belo, o sublime e a formação do juízo estético em Kant

*Marconi Pequeno*

*Universidade Federal da Paraíba*

## Resumo

Este artigo trata da relação entre o belo, o sublime e a formação do juízo estético no pensamento de Immanuel Kant. Para tanto, demonstramos como a sensibilidade e a imaginação concorrem para a formação do julgamento estético do sujeito e, sobretudo, indicamos como os juízos de gosto se baseiam em um sentimento de prazer desinteressado, aspiram à universalidade, gozam de autonomia e, finalmente, se revelam como produtos de nossa capacidade sensorial. A faculdade do juízo estético revela, por fim, a disposição do indivíduo de apreender espontaneamente a beleza das obras de arte e a dimensão do sublime presente no mundo natural. Eis, pois, alguns dos elementos fundamentais que orientam nosso percurso teórico.

## Abstract

This article is about the relationship between the beauty, the sublime and the formation of an aesthetic judgement presented by the thoughts of Immanuel Kant. Therefore, we will demonstrate how both sensibility and imagination compete to the creation of aesthetic judgements, and, above all, how our judgements of taste are based on a sense of uninterested pleasure, as well as they aspire universality, enjoy autonomy and, finally, they reveal themselves as products of our sensing capacity. The ability of the aesthetic judgement reveals, ultimately, the disposal of anybody to learn spontaneously about the beauty of the artworks and the dimension of the sublime that is present in the natural world. Here, then, some of the key elements that guide our theoretical route.



O que é o belo? Como são possíveis e qual a natureza dos juízos acerca da beleza? Todos os julgamentos de gosto se valem? Alguns podem ser considerados mais pertinentes e adequados? Existe, de fato, o bom e o mau gosto? A questão do gosto é



o opúsculo pré-crítico intitulado *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime* (1764); o segundo é a *Crítica da faculdade de julgar* (1790) também conhecido como *A crítica do juízo*, obra na qual ele desenvolve, de forma mais ampla e sistemática, as suas ideias sobre o belo e o sublime.

A referida *Crítica* constitui a terceira obra de uma trilogia composta inicialmente pela *Crítica da razão pura* (1781), dedicada ao conhecimento, e, em seguida, pela *Crítica da razão prática* (1788), obra destinada a definir a natureza e os contornos do nosso mundo moral. Segundo o filósofo, existem juízos que não são determinados pelas leis inexoráveis do método de obtenção do conhecimento, nem, tampouco, pelos princípios que regem a moralidade do sujeito. Estes são chamados de *juízos estéticos*.

Em Kant, portanto, o julgamento estético goza de autonomia, pois independe de outros tipos de experiência, a exemplo daquela de natureza cognitiva ou ainda daquela de caráter moral. O prazer que acompanha a fruição estética é livre de amarras conceituais, pois um objeto reputado feio ou mesmo um evento considerado trágico são capazes de suscitar prazer estético. De fato, é possível encontrar beleza naquilo que muitos consideram horrendo ou atroz. Ademais, este tipo de satisfação não depende do nosso desejo de possuir ou aderir ao elemento desencadeador do juízo. Apreciar a beleza não implica necessariamente em desejar o objeto que a contém. Assim, após demonstrar as características da relação entre juízo, prazer e posse, precisamos indicar as condições objetivas que tornam possível tal tipo de julgamento.

Em sua terceira *Crítica*, Kant trata dos juízos estéticos puros ou, mais particularmente, dos juízos de gosto, isto é, dos nossos julgamentos acerca do belo e do sublime<sup>5</sup>. Na referida obra, o filósofo procura inicialmente estabelecer a especificidade dos julgamentos estéticos em comparação com outros tipos de juízos. A esse primeiro momento de sua investigação, ele denominou de *Analítica do belo* e a dividiu em quatro momentos. Vejamos, brevemente, em que consistem tais etapas.

No primeiro momento (§1-§5), Kant considera que os juízos acerca do belo são baseados em sentimentos de prazer. Este prazer é, segundo o filósofo, desinteressado, uma vez que, como já vimos, o sujeito que atribui o predicado de beleza a algo não significa que deseja tê-lo ou consumi-lo. Eis por que os referidos juízos diferem daqueles chamados cognitivos, os quais se baseiam em apreciações objetivas e são passíveis de serem testados em sua veracidade. O juízo estético, ao contrário, comunica sentimentos derivados de uma percepção. Ademais, como o julgamento de gosto é desinteressado, o belo não pode ser confundido com o útil, nem, tampouco, ser sinônimo de perfeição.

---

da intuição sensível. Sobre a importância de Kant para a estética filosófica, ver: Marco Aurélio Werle. *O lugar de Kant na fundamentação da estética como disciplina filosófica*. Revista Dois Pontos, 2005.

5 Kant (1995, §5, p. 55) afirma que “o gosto é a faculdade de ajuizamento de um objeto ou de um modo de representação mediante uma complacência ou descomplacência independente de todo interesse. O objeto de uma tal complacência chama-se belo”. Sobre a estética kantiana, ver: Julien Benda. *O pensamento vivo de Kant*, 1943.













Marques. Rio de Janeiro: *Forense* Universitária, 2ª Edição, 1995.

\_\_\_\_\_. **Crítica da Razão Prática**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Ed. 70, 1997.

\_\_\_\_\_. **Observações sobre o sentimento do belo e do sublime; ensaio sobre as doenças mentais**. Trad. Vinicius de Figueiredo, Campinas: Papyrus, 2000.

OLIVEIRA, Bernardo B. C. de. O juízo de gosto e a descoberta do outro. In: DUARTE, Rodrigo (Org.). **Belo, sublime e Kant**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

PASCAL, Georges. **O Pensamento de Kant**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

RIBON, Michel. **A arte e a natureza**. Trad. de Tânia Pellegrini. Campinas: Papyrus, 1991.

ROHDEN, Valério. Aparências estéticas não enganam – sobre a relação entre juízo de gosto e conhecimento em Kant. In: DUARTE, Rodrigo (Org.). **Belo, sublime e Kant**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

TERRA, Ricardo. Prefácio. In: KANT, Immanuel. **Duas Introduções à Crítica do Juízo**. Organização de Ricardo Terra. São Paulo: Iluminuras, 1995.

WERLE, Marco Aurélio. **O lugar de Kant na fundamentação da estética como disciplina filosófica**. Revista Dois Pontos, Curitiba/São Carlos, vol. 2, n. 2, p. 129-143, outubro/2005.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. **Estética, psicologia e religião**, São Paulo: Cultrix, 1970.